

**A LÍNGUA INGLESA NA FORMAÇÃO  
PRÉ-UNIVERSITÁRIA COMO INSTRUMENTO  
FACILITADOR PARA O MANUSEIO DE MANUAIS  
INSTRUCIONAIS POR UNIVERSITÁRIOS  
ESTAGIÁRIOS EM INFORMÁTICA DO  
CEFET-PR – UNIDADE DE CORNÉLIO PROCÓPIO**

*Maria de Fátima Tondelli*<sup>1</sup>  
*Antonio Carlos de Francisco*<sup>2</sup>  
*Luiz Alberto Pilatti*<sup>3</sup>

**RESUMO**

O objetivo deste estudo foi verificar se o conhecimento da Língua Inglesa adquirido na formação pré-universitária contribuiria para o aluno, estagiário em informática, manusear e dominar manuais instrucionais. A pesquisa restringiu-se ao aluno estagiário da Assessoria de Informática da Unidade de Cornélio Procópio do CEFET-PR. A pesquisa se caracteriza como qualitativa de natureza interpretativa. O instrumento para a coleta de dados foi a entrevista estruturada. Os temas pesquisados foram: facilidades e dificuldades encontradas com relação ao domínio do idioma. Pode-se chegar às seguintes conclusões: embora tenham maior facilidade para a leitura, esta ainda necessita de maior atenção; a importância de se conhecer a língua inglesa por ela estar diretamente relacionada às atividades do dia-a-dia.

**Palavras-chave:** Língua inglesa; formação pré-universitária; manuais instrucionais.

**ABSTRACT**

This paper aimed at verifying the knowledge of the English

---

<sup>1</sup> Especialista em Gestão Industrial. Professora da Unidade Cornélio Procópio do CEFET-PR. E-mail: fatima@cp.cefetpr.br.

<sup>2</sup> Doutor em Engenharia de Produção. Professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, da Unidade Ponta Grossa, do CEFET-PR. E-mail: acfrancisco@terra.com.br.

<sup>3</sup> Doutor em Educação Física. Professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, da Unidade Ponta Grossa, do CEFET-PR e do Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG. E-mail: luiz.pilatti@terra.com.br.

Language acquired in the pre-academical formation would contribute to the student, trainee in computer science, to handle and dominate instructional manuals. The research is limited to the student trainee of the Consultancy of Computer science of the Unit of Cornélio Procópio of CEFET-PR. The research is characterized as qualitative of interpretative nature. The instrument for the collection of data was the structured interview. The researched themes were: means and difficulties found regarding the domain of the language. It may reach the following conclusions: although reading may be easy for them, a deep concentration is still necessary for; the importance of knowing the English language because it is directly related to the activities everyday.

**Keywords:** English Language; Pre-academical formation; Instruction manuals.

## 1. INTRODUÇÃO

Há apenas cinco ou seis décadas, uma minoria de brasileiros tinha domínio do idioma inglês, sendo este, na ocasião, a segunda língua da pessoa instruída. Atualmente a língua inglesa domina o campo da comunicação e a importância do seu conhecimento tornou-se alvo da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, uma vez que esta determina a obrigatoriedade de se ensinar uma língua estrangeira nas escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Como afirma Negrão (2000, p. 38), “é possível identificar na legislação vigente a preocupação com a adequação do sistema escolar às mais recentes tendências metodológicas de ensino das línguas estrangeiras”. Percebe-se a preocupação da legislação com um ensino que propicie ao aprendiz condições de domínio da língua estrangeira, assim como Costa (1987, p. 2) reafirma que,

na verdade o crescente interesse pelas línguas modernas, enquanto disciplinas escolares, se tornou claro exatamente no momento em que a educação deixou de ser um monopólio dos ricos e veio a ser considerada essencial para a ascensão social, e não meramente um aprimoramento daqueles cuja sobrevivência já estava garantida.

Embora se tenha a opção de outros idiomas como o espanhol, francês e alemão, o inglês leva uma vantagem imensa e compreensível.

Para Cordeiro (2000, p. 130) a importância no aprendizado de uma língua é determinada, entre outros, por fatores históricos, sendo determinante o papel hegemônico dessa língua nas trocas internacionais nos campos da cultura, da educação da ciência, do trabalho, etc. No Brasil, por apresentar este perfil, a Língua Inglesa tem sido, até então, considerada a mais relevante.

Os principais motivos pelos quais é predominante o ensino da Língua Inglesa de acordo com Totis (1991, p. 16) são:

- a. o inglês é a língua oficial de mais de quarenta países, seja como primeira e/ou segunda língua;
- b. a língua inglesa é atualmente a mais adotada no mundo como segunda língua;
- c. das publicações científicas do mundo, 67% são em língua inglesa;
- d. o papel de língua estrangeira chefe que o francês ocupou por dois séculos, a partir de 1700, foi indubitavelmente assumido pelo inglês;
- e. nenhuma outra língua é mais estudada ou usada como língua estrangeira;
- f. o inglês é a língua que hoje em dia mais se aproxima de uma língua franca, pois, em torno de 700 milhões de pessoas a falam — um aumento de 40% nos últimos vinte anos e um total que representa mais do que 1/7 da população do mundo.

O que se deve deixar claro ao aluno, e é papel do professor fazê-lo, é que o fato de fazer uso de uma língua estrangeira de um país que domina ou se impõe economicamente para se comunicar não significa que se tenha que adquirir a cultura do outro, mas “fazer uma análise contrastiva com a sua língua materna, [...] perceba que a cultura da língua que está aprendendo tem suas diferenças mas que nenhuma é superior a outra” (FERREIRA, 2000, p. 121). Desta forma, ainda segundo a autora, deve haver uma conscientização de que a aquisição de uma segunda língua seja utilizada “como uma maneira de dominar o instrumento de comunicação daqueles que nos dominam. Pois a partir do momento em que domino os instrumentos que o dominador domina, é que passo a poder me comunicar com ele”.

Kuenzer (2000, p. 115) afirma que conhecer uma língua estrangeira e sua cultura é “uma parte significativa da educação geral de qualquer cidadão”, conhecimento este que, reforça a autora, facilita a compreensão da própria língua uma vez que o “contraste estrutural e funcional entre duas línguas abrirá para os alunos uma rica oportunidade para refinar sua capacidade de perceber as características de sua própria língua materna”.

Sabe-se que para usufruir plenamente de todas as vantagens que conhecer um outro idioma oferece é preciso ter um bom domínio das quatro habilidades: falar, ouvir, ler e escrever, embora se perceba que uma ênfase maior é dispensada à habilidade da leitura na maioria das escolas de formação geral.

Este trabalho se propõe a investigar se o inglês adquirido na formação pré-universitária nas escolas de Ensino Médio e Ensino Técnico é suficiente para que o aluno universitário utilize esse idioma como uma ferramenta facilitadora na sua prática acadêmica e profissional, visto que muitas instituições de nível superior não oferecem esta disciplina na grade curricular.

Tomou-se como linha de estudo de caso os alunos do Curso Superior de Tecnologia em Informática, do Centro Federal de Educação Tecnológica do

Paraná, da Unidade de Cornélio Procópio, que estão atuando como estagiários na Assessoria de Informática da Instituição. Essa assessoria é responsável pela montagem e manutenção de todos os sistemas e equipamentos de informática utilizados na escola, e acreditando ser indispensável o domínio, no mínimo, da habilidade da leitura tomando-se como pressuposto que esses alunos num futuro próximo, estarão inseridos em vários ramos de trabalho inclusive na indústria, onde é quase certo também farão uso de manuais instrucionais em língua inglesa.

Embora haja algumas versões em português, 90% dos programas utilizados para desenvolvimento de sistemas na Unidade têm como linguagem-padrão o inglês. Outro fator que colaborou para a investigação foi o fato de que o Curso de Tecnologia em Informática não oferece em sua grade curricular a disciplina de Língua Inglesa.

## **2. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS**

A abordagem metodológica adotada para este estudo é a qualitativa de natureza interpretativa, enfocando a atenção no processo mais do que no produto, dando importância ao significado expresso pelos participantes quanto aos temas abordados, procurando contextualizar a análise dos dados, utilizando-se o processo indutivo.

Como decorrência desse tipo de pesquisa, a técnica de coleta de dados considerada mais adequada foi a entrevista estruturada. Elaborou-se um questionário no qual deveria ser assinalada uma das opções que mais se adequasse ao entrevistado, possibilitando dessa forma se obter informações pertinentes ao estudo. O protocolo de entrevista utilizado na coleta de dados constituiu-se de duas partes distintas, porém complementares. Na primeira parte, foram coletados os dados relativos à caracterização dos entrevistados, tais como, identificação quanto ao gênero e idade e formação pré-universitária. Na segunda seção, os dados coletados dizem respeito ao domínio da língua inglesa como ferramenta de trabalho, aos recursos utilizados para auxiliarem na interpretação de informações e/ou instruções em língua inglesa na realização de tarefas no ambiente de trabalho.

Os procedimentos norteadores da coleta de dados deste estudo seguiram alguns passos, definidos cronologicamente, e que serão apresentados na seqüência.

Após conclusão do roteiro de entrevista, construído a partir de indagações pessoais relacionadas com o referencial teórico que se pretendia produzir, fez-se o primeiro contato com os entrevistados de maneira informal quando foram descritos verbalmente os objetivos do estudo e solicitou-se a participação dos alunos nesta pesquisa, a qual foi aceita prontamente e até como uma certa ansiedade para saber os resultados.

Num segundo contato, foram entregues os protocolos para que fossem

preenchidos e devolvidos, deixou-se explícito que estariam à vontade para responder ou não qualquer questão. Garantiu-se também o anonimato de todos os entrevistados, embora os mesmos tenham se mostrados dispostos e até mesmo interessados em se identificarem. O local da entrevista foi a assessoria de informática da Instituição, local de trabalho dos entrevistados.

Tendo por objetivo geral responder se o inglês adquirido na formação pré-universitária dos alunos estagiários da assessoria de informática do CEFET-PR, da Unidade Cornélio Procópio, é suficiente para uma boa compreensão das informações contidas nos programas de software com os quais eles têm contato, esta pesquisa ficou limitada a essa assessoria composta por sete estagiários, pois, segundo Triviños (1987, p. 133) o estudo de caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa aprofundadamente” considerando-se as características dadas por duas circunstâncias: a natureza e abrangência da unidade e os suportes teóricos que servem de orientação à pesquisa.

Houve de início uma certa preocupação em saber se a entrevista seria realizada em inglês ou em português. Alguns alegaram que, caso fosse em inglês, tinham receio de não conseguir responder. Quando informados de que seria realizada em português, todos mostraram um grande interesse na pesquisa e questionaram se o resultado deste trabalho seria oferecer a eles cursos de inglês. Sugeriram até que fossem inseridas aulas de inglês na grade curricular. Percebe-se nestas colocações uma preocupação e uma necessidade de conhecer melhor o idioma.

Com base nessas afirmações, reforça-se a questão levantada sobre a realidade de nossos alunos com relação à aquisição da língua inglesa durante sua formação pré-universitária.

### **3. REVISÃO DE LITERATURA**

Com a finalidade de traçar uma linha de interpretação para a análise de dados coletados para este estudo, faz-se necessário apresentar um referencial teórico abordando temas e conceitos relevantes e que agrupados manifestam um pensamento consistente. Temas e conceitos como a necessidade de se conhecer uma língua estrangeira moderna, as metodologias aplicadas para a aquisição da língua inglesa na formação pré-universitária e sua aplicação na formação acadêmica e profissional compõem um conjunto articulado do pensamento na interpretação dos dados da realidade, apontando as dificuldades, deficiências e necessidades.

A história do ensino de Língua Estrangeira no Brasil tem passado por muitas teorias sobre aprendizado, sempre diretamente influenciadas pelas ciências da lingüística e da psicologia, levando-se em conta as tendências de cada época.

Muitos métodos de ensino de línguas foram criados e a cada novo

método considerava-se o anterior ineficiente. Não cabe aqui relacionar a todos mas sim fazer uma abordagem sucinta de alguns movimentos importantes que nortearam e norteiam o ensino da língua inglesa nas nossas escolas.

O Método da Tradução e Gramática (*Grammar-Translation*) muito utilizado desde o século XVIII para se ensinar Latim e Grego, como o nome sugere, utilizava técnicas para a prática da tradução e versão, método este que é utilizado até os dias de hoje em muitas escolas pelo Brasil. Nele o que se prioriza é a memorização de regras de estruturas gramaticais e de vocabulário “calcada na idéia de que o aspecto fundamental da língua é sua escrita [...] teve sempre como objetivo principal explicar a estruturação gramatical da língua” (SCHÜTZ, 2002) deixando de lado a capacitação do aluno no que diz respeito à aquisição da oralidade tão importante para a comunicação verbal.

Totis (1991, p. 25), classifica este método com as seguintes características:

1. As aulas são ministradas na língua materna do aluno, havendo pouco uso ativo da língua-alvo.
2. Existe um foco principal na gramática, na análise da forma e flexão das palavras.
3. A leitura de textos clássicos difíceis é feita em estágios iniciais.
4. A tradução da língua-alvo para a língua materna é um exercício típico.
5. Pouca atenção é dada ao conteúdo dos textos, que são tratados como exercícios de análise gramatical.
6. Pouca ou nenhuma atenção é dada à pronúncia.
7. Não é preciso que o professor saiba falar a língua-alvo.
8. O resultado comum é a inabilidade em se usar a língua para a comunicação oral.

Freitas (2002) argumenta que, no Método da Tradução e Gramática, o objetivo de ensino é a leitura assim como a escrita e não a capacidade de se comunicar oralmente, sendo o idioma utilizado em sala de aula apenas como matéria de tradução. As regras gramaticais, a memorização de vocabulário, conjugações verbais e outros itens gramaticais da língua-alvo são as metas da aprendizagem. A interação é, em sua maior parte, entre professor-aluno e quase nunca entre aluno-aluno.

No Método Direto (*The Direct Method*), divulgado a partir de 1900, em oposição ao Método da Tradução e Gramática, embora este venha sendo utilizado desde o império romano “quando tutores gregos acompanhavam os jovens, ensinando-lhes a língua considerada como parte essencial de sua educação” (TOTIS 1991, p. 25-26). A autora aponta as principais características deste método:

- a. As lições começam com diálogos e anedotas breves, em estilo moderno de conversação.
- b. Ações e ilustrações são usadas para esclarecer o significado desse material.

- c. Não é permitido o uso da língua materna do aluno, ou seja, a tradução é abolida.
- d. O professor não precisa saber falar a língua materna do aluno.
- e. A gramática é ensinada individualmente e regras de generalização surgem através da experiência.
- f. Alunos avançados lêem textos literários por prazer e os textos não são analisados gramaticalmente.
- g. A cultura da língua-alvo é aprendida indutivamente.
- h. O professor deve ser nativo ou fluente na língua-alvo.

Segundo Freitas (2002), o Método Direto, além de se descartar o uso da língua materna, abordando a língua-alvo diretamente, sem tradução, utiliza-se de situações baseadas na vida real, o conteúdo é transmitido através de mímicar, gestos, objetos e outros instrumentos para que o aluno associe diretamente o significado da língua estrangeira com o da língua nativa e a gramática é intuída pelo aluno. A conversação parte tanto do professor quanto dos alunos, que também conversam entre si.

O Método Audiolingual (*The Audiolingual Method*) surgiu por volta dos anos 50 em oposição ao método tradicional de gramática e tradução, enfatizando a intensa prática de repetição de exercícios orais (*drills*), geralmente ouvindo e repetindo gravações em fitas cassetes, numa tentativa de valorizar a língua falada e “sustentavam que o aprendizado de línguas estaria relacionado a reflexos condicionados, e que a mecânica de imitar, repetir, memorizar e exercitar palavras e frases seria instrumental para se alcançar habilidade comunicativa” (TOTIS, 1991, p. 26).

Assim como no método da tradução, a utilização do audiolingual pouco exige da formação do professor em termos de domínio do idioma, pois o profissional é apenas um condutor das tarefas em sala de aula, e estas são de fácil elaboração. Totis (1991, p. 26-27) assim descreve o método:

1. Os alunos devem primeiro ouvir, depois falar e, então, ler, para finalmente escrever na língua-alvo.
2. Baseia-se na análise contrastiva entre a língua materna e a língua-alvo.
3. O material novo é apresentado sob a forma de diálogo.
4. Depende-se da mímica, da memorização de um conjunto de frases e da aprendizagem intensiva através da repetição, pois se acredita que a língua é aprendida através da formação de hábitos do tipo S • R • R, ou seja, estímulo, resposta e reforço.
5. Há uma seqüência nas estruturas gramaticais, que são aprendidas uma de cada vez.
6. Há pouca ou nenhuma explicação gramatical; a gramática é ensinada indutivamente.
7. A pronúncia é enfatizada desde o início.
8. Nos estágios iniciais, o vocabulário é rigorosamente controlado e limitado.
9. Há um grande empenho em se evitar que os alunos cometam erros.

10. Há o uso insistente de fitas gravadas, laboratório de línguas e material visual.

O Método Audiolingual assemelha-se ao Método Direto na medida em que tem por meta tornar os alunos capazes de usar a língua-alvo comunicativamente aprendendo-a “automaticamente sem parar para pensar” através da memorização de diálogos, imitação e repetição. Conteúdos e vocabulários são fixados através de exercícios baseados nos diálogos. Os acertos são reforçados positivamente com prêmios e elogios como resultante das idéias geradas pela psicologia behaviorista que conduziram o surgimento deste método. A interação aluno-aluno, segundo Freitas (2002), é uma constante na prática de diálogos quando estes se revezam, recebendo a competência da oralidade uma maior atenção. Porém, esta interação é conduzida pelo professor que fornece um modelo de fala, dirige e controla, e atua como facilitador do aprendizado.

A partir dos anos 70 e 80, surge a Abordagem Comunicativa (*Natural or Communicative Approaches*) no ensino de línguas. Segundo Totis (1991, p. 28-29), “trata-se de uma reviravolta nas prioridades estabelecidas para o ensino de línguas”. A abordagem comunicativa visa ao aprendizado de um idioma priorizando as necessidades de comunicação do aluno, como, sugerir, concordar ou persuadir. Ainda segundo a autora, “dá-se ênfase ao modo como usar determinada forma para se atingir determinada necessidade de comunicação”. São elaborados materiais adequados para simularem, da melhor forma possível, situações de uso natural da língua. Complementa que “há uma participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, através de dramatizações, trabalhos em grupo, etc.”. Ainda para a autora, “a competência lingüística passou a ser vista como um setor da competência comunicativa, que não exclui a gramática, mas a coloca lado a lado com o objetivo da comunicação”. Levando-se em conta as necessidades do aluno, e utilizando-se de uma série de recursos que visem atender a especificidade ocupacional ou acadêmica “em cada curso são consideradas diferentes seleções de habilidades, tópicos, situações e funções do uso da língua, segundo análise das exigências dos alunos”. Totis (id) também aponta para o fato dos proponentes desta abordagem terem por objetivo a competência comunicativa a ser atingida pelo aluno, não havendo uma preocupação em definir linhas metodológicas mais específicas o que ocasionou muitas críticas de especialistas. Contudo, ainda segundo a autora, esta abordagem comunicativa despertou nos professores um interesse para a importância de outros aspectos da língua, “auxiliando-os a analisar e ensinar uma língua estrangeira de modo integrado. Ao mesmo tempo, encorajou uma metodologia que se apóia menos na prática mecânica centrada no professor e mais na simulação de situações naturais do dia-a-dia”.

A Abordagem Comunicativa, como aponta Freitas (2002), tem como

meta “tornar os alunos comunicativamente competentes” para usarem a língua apropriadamente dentro de um contexto social. “O falante tem de saber escolher entre diferentes estruturas a que melhor se aplica às circunstâncias da interação entre ele e o ouvinte ou, entre o escritor e leitor”, envolvendo dessa forma, ainda segundo a autora, “o domínio não só da competência gramatical ou lingüística, mas também de habilidades sociolingüísticas, discursivas e estratégicas”. A característica mais marcante desse método é a prática de realizar atividades que envolvam comunicação real, em que os alunos resolvem problemas, discutem idéias e posições, jogam, fazem dramatizações, e também se faz uso de materiais autênticos como artigo de revista, jornal, trechos de programas de rádio e TV, possibilitando aos alunos o acesso à língua como ela é usada efetivamente por seus falantes. O professor deixa de ocupar o papel principal no processo ensino-aprendizagem, deixa de ser detentor do conhecimento, para assumir o papel de orientador, facilitador, organizador das atividades de classe.

No final da década de 70, surge o Inglês Instrumental, inicialmente concebido e conhecido como “ESP” (*English for Especific Purposes* – Inglês para Fins Específicos), que era geralmente voltado para ciência e tecnologia tendo por finalidade a leitura direcionada para as diferentes áreas de atuação do aluno. O método não tem por objetivo a conversação ou tradução integral dos textos estudados, mas objetiva a leitura, interpretação e compreensão dos mesmos.

Esse método trata o Inglês como língua técnica e científica e/ou de caráter geral, focalizando o emprego de estratégias específicas como fazer previsões do conteúdo do texto a partir da análise de títulos, gráficos e ilustrações, utilizando-se do conhecimento de mundo e conhecimento prévio do assunto pelo leitor, fazendo uso das palavras cognatas como meio de compreensão, deduzindo o significado das palavras desconhecidas a partir do contexto, buscando informações específicas ou verificando a idéia central do texto através de uma leitura rápida, sem se preocupar com o conhecimento isolado de cada palavra ou com vocábulos desconhecidos, priorizando desta forma a habilidade da leitura.

O Inglês Instrumental vem sendo utilizado em universidades, escolas técnicas, cursos preparatórios para leitura de textos de vestibular, concursos públicos, treinamento profissional e outros do gênero.

Muitos e variados são os métodos utilizados para o ensino de línguas estrangeiras, cada um com suas determinantes objetivando desenvolver as habilidades a que se propõe, uns com uma maior eficácia que os outros, porém todos tentando alcançar o mesmo objetivo: a aquisição do idioma.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A amostra do presente estudo é composta por sete alunos estagiários.

Os estagiários possuem entre 19 e 23 anos; seis são do sexo masculino e um do sexo feminino. Desses, dois tiveram formação técnica e os demais realizaram o ensino médio na etapa anterior de sua formação.

A partir deste perfil é possível fazer algumas observações relevantes. O primeiro aspecto é quanto ao gênero: a assessoria de informática do CEFET-PR, da Unidade Cornélio Procópio, é composta, em sua maioria, por alunos estagiários. Há uma grande desproporcionalidade entre os sexos, 86% dos alunos estagiários entrevistados são do sexo masculino. A faixa etária média, que está entre 19 a 23 anos, demonstra que estes alunos podem estar desvinculados de um contato com a língua inglesa por um período significativo, desde o término do Ensino Médio, visto que para se manter a fluência do idioma é necessário um contato constante a fim de não se distanciar da prática das habilidades.

Outro aspecto levantado no perfil é a formação pré-universitária: 71% dos alunos são provenientes do Ensino Médio cuja maioria das escolas dedicam duas aulas semanais para o ensino da língua inglesa, durante os três anos do curso. As turmas compõem-se de quarenta alunos em média. Normalmente com pouquíssimos recursos didáticos e metodologias diversas. Já os outros 29% dos alunos, provenientes do Curso Técnico, recebem duas aulas semanais, apenas no segundo dos 4 anos de curso, e a metodologia geralmente adotada é a do inglês instrumental<sup>4</sup>.

As questões levantadas na coleta de dados serão agora apresentadas na sua ordem de seqüência e não de importância. As duas primeiras questões levantadas foram com relação à *facilidade* e à *dificuldade* encontradas pelos entrevistados referentes às quatro habilidades: **escrever, ler, falar e ouvir**. Sabendo-se que, atualmente, esses alunos têm contato com textos técnicos em função de suas atividades estarem relacionadas com montagem e manutenção de equipamentos de informática, cujos manuais instrucionais e a maioria dos softwares trabalhados e desenvolvidos são apresentados em inglês.

Constatou-se nestes resultados que os alunos encontram 100% de facilidade para a leitura de textos em inglês independente de sua formação pré-universitária. Os alunos provenientes do Ensino Médio, em que o ensinamento da língua inglesa utiliza vários métodos, mais especialmente, o Método da Tradução e Gramática como mencionado na revisão de literatura, percebe-se que um maior enfoque é dado à leitura, visto o resultado obtido. Quanto aos alunos provenientes do Ensino Técnico, a facilidade para a leitura já era de certa forma esperada, pois este é o objetivo do método do Inglês Instrumental adotado nas escolas técnicas.

---

<sup>4</sup> Tomando-se como referencial para essa afirmação, os cursos técnicos que eram ministrados na Unidade em que se realizou a pesquisa.

Outro fator que contribui para a prática da leitura é a facilidade com que se obtém textos autênticos nas bancas de revistas, bibliotecas, internet, e outras fontes. Uma gama de informações em inglês pode ser encontrada nos mais diferentes lugares, facilitando, desta forma, o desenvolvimento da capacidade da leitura.

Totis (1991, p. 23) argumenta em favor do ensino mais direcionado à leitura justificando que o aluno fora da sala de aula enfrentará poucas situações nas quais seja necessário expressar-se oralmente, assim como acredita haver poucas situações em que a linguagem escrita seja requisitada, justificando que, sem dúvida, a leitura, esta sim, se faz presente no cotidiano do aluno. Enfatiza ser muito importante a habilidade da leitura pois possibilita ao indivíduo ter acesso a publicações periódicas e livros que são encontrados no mercado apenas em sua forma original, não significando com isso que sejam deixadas de lado as demais habilidades lingüísticas pois estas estão intimamente ligadas.

Com relação à maior dificuldade encontrada, a habilidade da fala alcança o índice de 71%, justificada numa proporção expressiva por fazer parte de todo um processo no qual não se prioriza a comunicação oral. A habilidade de ouvir vem em segundo lugar no grau de dificuldade por estar o aluno exposto a várias situações no seu dia-a-dia, que proporcionam possibilidades de praticá-la um pouco mais como, por exemplo, ouvindo música internacional, assistindo a filmes e várias outras formas de exercitá-la, estando aí talvez a resposta por não estar no mesmo patamar de dificuldade encontrada na fala.

As outras três questões levantadas na pesquisa abordam: a utilização de manuais instrucionais em inglês; a avaliação do conhecimento adquirido na formação pré-universitária e os recursos mais utilizados que cooperam para a compreensão dos mesmos.

Os resultados obtidos confirmam que o aluno estagiário faz uso constante de manuais instrucionais em inglês para a montagem e manutenção de equipamentos de informática. Isto se confirma pelo fato de que 71% dos entrevistados utilizam os referidos manuais em inglês.

Observa-se porém que o inglês oferecido na formação pré-universitária não propicia subsídios suficientes para uma compreensão plenamente satisfatória. Este fato se comprova ao se observar que 71% dos entrevistados, embora tenham afirmado encontrar maior facilidade para a leitura de textos em inglês, eles não os compreendem em sua totalidade.

Tentando amenizar essa deficiência, os alunos utilizam recursos modernos como o tradutor e o tradicional dicionário, ambos disputando o mesmo percentual de utilização. Do total de entrevistados, 43% procuram esclarecer suas dúvidas consultando em dicionários, outros 43% utilizam tradutor e os demais, 14% procuram auxílio em outras pessoas. Este procedimento contudo, provoca uma demora na realização da tarefa,

desperdiçando tempo que nos dias de hoje é fundamental e precioso para acompanhar o ritmo acelerado das informações tecnológicas. Alguns recorrem a alguém que tenha um maior conhecimento do idioma para ajudá-los na solução do problema numa porcentagem menor, provavelmente por nem sempre encontrarem a pessoa adequada no momento certo ou até mesmo por inibição, por terem de assumir o fato de não dominarem uma linguagem que utilizam constantemente. Essa colocação é feita devido ao fato de num determinado momento da entrevista, mais especificamente no primeiro contato, em um dos momentos de papo informal, um dos entrevistados ter feito a seguinte colocação: “quando não entendo o que está escrito eu dou um ‘enter’ e vejo o que acontece, o problema é que às vezes eu tenho que começar tudo de novo, porque dá errado”. Percebe-se também neste comentário que embora tenham afirmado encontrar uma maior facilidade na leitura, essa habilidade ainda não é o bastante para o manuseio das informações de forma a compreendê-las com exatidão.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar as metodologias de ensino descritas na revisão de literatura, verifica-se que todas privilegiam o estudo da língua. Algumas visando à aquisição de estruturas gramaticais, de vocabulário, outras, de noções, outras, levando em conta o processo e as condições de aprendizagem além do estudo da língua. O professor, sempre desenvolvendo o papel de modelo e autoridade, exceto na metodologia comunicativa na qual passa a ter o papel de facilitador, e o aluno passa de um papel passivo para um papel mais ativo criando uma autonomia e uma certa independência diante da aprendizagem.

O que se deve levar em consideração são as reais necessidades dos alunos. Não seria esse ou aquele método que melhor atenderia a essas necessidades mas sim um conjunto de procedimentos e metodologias que visem ao domínio do idioma, ou seja, o resultado final positivo e satisfatório; “o essencial é que o aluno sinta a aula de inglês como uma experiência significativa, próxima à sua vida diária” (TOTIS, 1991, p. 30).

Sem dúvida alguma, o que se conclui é que qualquer pessoa, para ter uma participação plena no mundo globalizado em que vivemos, necessita conhecer a língua inglesa a fim de não se privar da infinidade de conhecimentos oferecidos àqueles que se propõe a conhecer bem essa língua.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDEIRO, J. M. Uma nova perspectiva de ensino de língua estrangeira para a escola pública. *Línguas & Letras*. Cascavel, v. 1, n. 1, p. 129-133, jan./jun., 2000.

COSTA, D. N. M. da. *Por que ensinar língua estrangeira na escola de 1º grau*. São Paulo: EPU, 1987.

FERREIRA, A. de J. Aspectos culturais e o ensino de língua inglesa. *Línguas & Letras*. Cascavel, v. 1, n. 1, p. 117-127, jan./jun., 2000.

FREITAS, L. G. de. *As metodologias de ensino de língua estrangeira*. Disponível em: <<http://www.serradigital.com.br/lucia/metodos.htm>> Acesso em: 13 set. 2002.

KUENZER, A. Z. (org.) *Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2000.

NEGRÃO, J. F. R. K. *A quem serve o servidor? O ensino de língua inglesa para o trabalho e a tecnologia*. Curitiba, 2000. 95 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, CEFET-PR.

SCHÜTZ, R. *O aprendizado de línguas ao longo de um século*. <<http://www.sk.com.br/sk-apren.html>> Acesso em: 02 nov. 03.

SOUZA, P. N. P. de; SILVA E. B. da. *Como entender e aplicar a nova LDB: lei nº 9.394/96*. São Paulo: Pioneira, 1997.

TOTIS, V. P. *Língua inglesa: leitura*. São Paulo: Cortez, 1991.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.